**CARTOGRAFIA E DIÁRIOS DE CAMPO: narrativas do presente**

Renata Cavallini

Me. PPGEDU

Profa. de Apoio Especializado FME/Niterói

**RESUMO**

Este trabalho pretende cartografar experiências que emergiram na Escola Municipal João Brazil, localizada na cidade de Niterói, com alunos frequentadores da sala de recursos. Nossa intenção é trazer narrativas de nosso dia a dia com estes, e apresentar como o efeito dessa trajetória vem acontecendo, potencializando assim os fazeres e saberes, e a relação com os estudantes. Assim, com ajuda do Método da Cartografia, pensado por Deleuze e Guattari (2004), entendemos como se dá a constituição dos processos de subjetividade. Outra ferramenta usada neste trabalho é o diário de campo, proposto por René Lourau (1993), que propõe trazer narrativas sobre o que se passa nos no dia a dia da escola. Outros autores importantes são Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), que fala da micropolítica como singularização existencial, e traz a cartografia de um modo sensível e atento aos movimentos do presente.

Palavras-chave: Cartografia, Diário de campo, Afeto.

**CARTOGRAFIA E DIÁRIOS DE CAMPO: narrativas do presente**

Este trabalho pretende cartografar experiências que emergiram na Escola Municipal João Brazil, localizada na cidade de Niterói, com alunos frequentadores da sala de recursos. Nossa intenção é trazer narrativas de nosso dia a dia com estes, e apresentar como o efeito dessa trajetória vem acontecendo, potencializando assim os fazeres e saberes, bem como a relação com os estudantes na escola.

Para tanto, no intuito de acompanhar processos de subjetivação usamos o método da cartografia, pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Esse método acompanha processos em curso, onde nada é estático ou permanente, tudo acontece no encontro com outro seguido dos atravessamentos que esses atravessamentos provocam nas relações que se dão com os sujeitos envolvidos.

No entanto, a fim de pensar como acontecem esses movimentos apostamos no dispositivo diário de campo. As escritas diarísticas, os encontros, conversas e intervenções, são meios que usamos para pensar movimentos de desterritorialização dos modelos pré-definidos e burocratizantes. Com a ferramenta em questão torna-se imprescindível a escrita permanente dos movimentos tecidos no dia a dia da escola.

O modo como vão se dar os processos não se apresenta de antemão, ao contrário, elas reverberam na feitura da escrita, e na abertura para viver a experiência do agora com todas as intempestividades. Como diz Kastrup, “ O dispositivo é, dessa forma, sempre uma série de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos” (2010, p.81). Assim, com a cartografia e diário de campo produzimos singularidades que atravessam nossos campos de saber.

Para nos ajudar a pensar nossa pesquisa, outros autores importantes são Félix Guattari e Suely Rolnik (1996), que falam da micropolítica como singularização existencial, e traz a cartografia de um modo sensível e atento aos movimentos do presente. Este trabalho também aposta no autor como René Lourau (1993), que orienta para uma escrita diarística como restituição dos processos em curso.

Outro autor importante em nosso trabalho é Michel Foucault, que nos ajuda a entender o conceito de dispositivo e como este atua em uma cartografia, e, assim como agem os dispositivos em um processo de produção do desejo e na constituição de subjetividades.

Assim, esse texto será dedicado a um aluno frequentador da sala de recursos, que apresenta dificuldades no aprendizado. Ao conhecermos ele nos impactamos com sua dificuldade com trato pessoal, higiene e cuidados com o corpo. Além disso, a grande dificuldade na aprendizagem, e as relação que ele estabelecia com outros estudantes também foi um fator que nos chamou atenção. Com o passar do tempo e conhecendo mais sua história, entendemos que a vida com sua família favorece essas condições.

A negligência afetiva, seja por parte dos familiares, ou pela instituição escolar, controla os corpos de jovens e crianças de modo impactante. Ele foi bastante marcado pela ausência de afeto e cuidado. Assim, vamos pensar com Michel Foucault como o corpo é marcado por tudo que já aconteceu em sua trajetória, e como essas marcas refletem em sua existência,

A proveniência diz respeito ao corpo. Ela se inscreve no sistema nervoso, no humor, no aparelho digestivo. Má alimentação, má respiração, corpo débil e vergado daqueles cujos ancestrais cometeram erros; que os pais tomem os efeitos por causas, acreditem na realidade do além, ou coloquem o valor eterno, é o corpo das crianças que sofrerá com isso. A covardia, a hipocrisia, simples rebentos do erro; não no sentido socrático, não porque preciso se engajar para ser malvado, nem também porque alguém se desviou da verdade originária, mas porque o corpo traz consigo , em sua vida e em sua morte, em sua força e em sua fraqueza, a sanção de todo erro e de toda verdade como ele traz consigo também e inversamente sua origem- proveniência. (Foucault, 2017, p. 64- 65)

As marcas trazidas por sua história vão lhe acompanhar pela eternidade, no entanto, como professoras de apoio especializado podemos orientá-lo a pensar e agir de modo diferente do que está sendo feito de sua existência. Acreditamos porém, e aqui queremos expor, que outro sentimento mais nobre e profundo pode vir a modificar o curso de sua trajetória. O afeto é um caminho muito mais potente para pensar os percursos na escola, este é capaz de superar qualquer ausência de cuidado e respeito.

Ao darmos a atenção que ele precisava, orientarmos, acolhermos, e após longas conversas, alguns agenciamentos aconteceram e movimentos potentes se deram. Esse agenciamento, entre nós e ele, fez este estudante ter outra postura em relação aos estudos e ao cuidado com sua higiene. Podemos dizer que ele começa a descobrir aquilo que faz seu corpo vibrar, sentir-se parte da escola e desejar construir um novo enredo para sua existência.

O desejo dos envolvidos em produzir algo potente fez com que novos movimentos surgissem modificando sua trajetória. Para tanto, ao conhecê- lo, ele se mostrou um adolescente amável e empenhado em crescer junto com a gente, preocupando com seu aprendizado e no trato com a higiene.

No caso dele, a higiene com o corpo e roupas trouxe uma mudança significativa, melhorando sua relação com os sujeitos que habitam o território escolar. Com a melhora nas relações, ele também dá um salto para o aprendizado das letras e números, demonstrando um forte desejo em aprender cada dia mais. Trago agora um diário de campo que explicita o que estamos falando.

*Diário 2023*

*Assim que cheguei na Escola Municipal João Brazil conheci Vitor (nome fictício). No início me foi dito que ele era um adolescente que tinha sérias questões com sua higiene, e que ainda não estava alfabetizado, apesar de estar no sexto ano. Ao conhecê-lo percebi que seu odor era complicado, um cheiro bastante desagradável a ponto de dar ânsia de vômito. E, ele ainda não distinguia vogais de consoantes. Assim, como inserir Victor em sala de aula? A primeira coisa era conversar sobre hábitos de higiene, sua importância e como fazê-la. Após longas conversas, não só minha, mas de toda equipe da educação especial, ele foi mudando seus cuidados com o corpo. Também nos juntamos e demos algumas coisas como, sapato, casaco, novos uniformes e um perfume. Esse foi o que ele mais gostou, e todo dia ao chegar pedia que eu lhe desse um cheiro! risos Assim, ele ficou mais confiante e disposto a aprender. Decidi de imediato não levá-lo para sala de aula, pois de nada lhe ajudava somente, e mal copiar do quadro as coisas trazidas pelos professores. Era preciso aprender a ler e escrever ao menos o básico. Ficamos, assim, focados nos exercícios e aprendizados das letras e números. Após muitos exercícios, e estes os mais tradicionais, ele começa e distinguir vogais de consoantes, e um pouco mais adiante começa a ler palavras de sílabas simples. Um belo dia ele chega radiante dizendo que conseguiu ler o nome de seu pai em uma caneca. Victor foi se transformando e criando gosto pelo estudo. Após conseguir ler algumas palavras perguntou para mim se estou orgulhosa dele. Não hesitei em afirmar minha enorme alegria em ver sua evolução, e a cada dia fico mais feliz com suas conquistas. Mas o que ele não faz ideia é o quanto esse movimento me faz sentir outra pessoa, outra profissional, sempre em transformação, nos agenciamentos e encontros com o outro.* Após esses movimentos conseguimos inserir Vitor na sala de aula regular e novos atravessamentos aconteceram. *Com o aprendizado na escola ele vai indo muito bem, fez contas de matemática sozinho, como também já consegue copiar do quadro com bem menos dificuldades, além de prestar atenção ao que está sendo falado, e participando das aulas. Em uma aula de português, por exemplo, o professor falou a respeito da origem da escrita, como surgiram as letras e elas se transformaram em códigos que possibilitaram sua invenção. Em seguida pediu para que eles inventassem novos códigos. Ele entendeu perfeitamente, criou novas letras e ficou super feliz com sua produção. Na saída ele mais uma vez me pergunta se estou orgulhosa da participação dele na aula. Lhe dou um forte abraço e digo que a cada dia ele me faz sentir mais feliz em ser professora.*

Os movimentos vão acontecendo lentamente, primeiro a identificação das letras, distinção entre vogais e consoantes, em seguida as sílabas. No entanto, apesar do método totalmente tradicional, a sensibilidade e o afeto fizeram-se presentes durante todo o percurso. Assim, após esses enlaces foi possível sua inserção em sala de aula de modo que ele se sentisse mais confortável.

O dispositivo diário de campo é uma ferramenta que possibilita o encontro com linhas que foram se estabelecendo e criando territórios de existência, funcionando na desestabilização dos processos. Agora, vamos definir o que se entende por dispositivo na proposta de Michel Foucault, e como ele nos ajuda em nosso trabalho com o método escolhido.

Para você, qual é o sentido e a função metodológica deste termo: dispositivo? Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (Foucault, 2017, p. 364-365)

O dispositivo diário de campo nos dá a chance de falar com aquilo que sentimos, de expor nossas intimidades, anseios e alegrias. Ao expor a intimidade por meio dessas narrativas nos abrimos para que novos olhares afetem nosso modo de pensar, ser e fazer no mundo. O trabalho docente é permeado por um certo modo de como executá-lo, porém ao desviar desse modelo pronto com a cartografia, outros movimentos surgem em nossas práticas docentes.

Além do ensino das letras é preciso pensar o processo, como ele acontece, e como se dão seus entrelaces. O agenciamento de corpos, sentimentos e sensações, conversas que aos olhos de quem vê parecem bobagens, para o cartógrafo é um grande trunfo.

Poderíamos chamar de processos de singularização: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir , de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularidade existencial que coincida com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos. (Guattari; Rolnik, 1996; p.17)

O caminho se faz nos desvios às normas pré-estabelecidas, aos modelos prontos, acreditando num caminhar mais afetuoso e atento. Apostamos no diário de campo com suas narrativas como movimentos que podem dar a ver e falar aquilo que não está posto. E, com ele, seguir nossa trajetória compondo novos modos de ser, fazer e pensar a educação para alunos frequentadores da sala de recursos como professoras de apoio especializado.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Dois Regimes de Loucos: textos e entrevistas(1975 – 1995)/ Gilles Deleuze; tradução de Guilherme Ivo; revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo. Editora: 34, 2016. (1ª ed.)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. -5. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

Kastrup, Virgínia; Barros, de B. Regina. Movimentos-Funções do Dispositivo na Prática da Cartografia. In: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*: Transformações Contemporâneas do Desejo. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.